



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

EDILENE DA SILVA GONÇALVES

REMEMORANDO E REFLETINDO A TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO
ACADÊMICA

CAMPINA GRANDE
Março de 2015

EDILENE DA SILVA GONÇALVES

REMEMORANDO E REFLETINDO A TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO
ACADÊMICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a integralização do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande.

Prof^ª. Dr^ª. Ireneide Gomes de Abreu
Prof^ª. Dr^ª. Edileuza Custódio Rodrigues
Orientadoras

CAMPINA GRANDE
Março de 2015

EDILENE DA SILVA GONÇALVES

REMEMORANDO E REFLETINDO A TRAJETÓRIA DA MINHA FORMAÇÃO
ACADÊMICA

Aprovada em: ____/____/____

Média final: _____

EXAMINADORAS:

PROF^a. DR^a. IRENEIDE GOMES DE ABREU

PROF^a. DR^a. EDILEUZA CUSTÓDIO RODRIGUES

Dedicatória

Ao Senhor meu Deus digno de toda honra, glória e louvor, que se faz presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais Evaldo Ferreira Gonçalves e Ozita da Silva Gonçalves, que me apoiaram e encorajaram em todos os momentos.

A minha irmã Evany da Silva Gonçalves que esteve do meu lado me auxiliando durante todos esses anos.

Com muito carinho, dedico a meu esposo Edmar Batista de Oliveira, que sempre me incentivou para a realização dos meus ideais, compreendendo-me em todos os momentos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus que esteve sempre comigo, me ajudando a superar as dificuldades que surgiram ao longo destes anos de estudo e dedicação. Em especial, no curso das disciplinas teóricas e realização do Estágio que me proporcionaram muitas alegrias e aprendizagens.

Aos meus pais Evaldo Ferreira Gonçalves e Ozita da Silva Gonçalves que me apoiaram e me ensinaram a ser uma pessoa humilde, temente a Deus e corajosa para lutar pelos meus objetivos de maneira justa e honesta.

Aos meus irmãos e familiares que em vários momentos me ajudaram e me apoiaram nos momentos bons e ruins. Em especial, a minha irmã Evany que sempre me auxiliou e nunca me deixou desistir, me acompanhando com paciência e solidariedade em todos os momentos.

Ao meu amado esposo Edmar que sempre me incentivou e me compreendeu de maneira paciente durante todo esse tempo.

A Elída, Ellen e Verônica que conviveram comigo durante esses últimos quatro anos, no qual, tornamo-nos grandes amigas/irmãs.

Ao meu querido amigo Marcelo que esteve comigo nestes quatro anos de curso, demonstrando o verdadeiro sentido da amizade sincera, compartilhando experiências e aprendendo juntos a oferecer seu apoio e sua compreensão nos momentos fáceis e difíceis desta jornada desde sempre.

A todos os colegas e amigos da turma 2011.1 que estiveram comigo aprendendo juntos e vencendo desafios.

A todos os professores acadêmicos que contribuíram para realização deste sonho, mediando os saberes necessários para minha formação enquanto pedagoga e, em especial, às professoras Edileuza Custódio Rodrigues e Ireneide Gomes, que orientaram este trabalho de término de curso.

Ao professor Pedro Ribeiro Barbosa, que sempre me orientou com muita sabedoria e discernimento. Um exemplo de caráter, afeto, compreensão, sabedoria e companheirismo.

A professora Alexandra Felix de Brito, que sempre ofereceu seu apoio, orientação e amizade e, que certamente será lembrada sempre com muito carinho e consideração.

A professora e orientadora do Estágio Supervisionado em Educação Infantil Maria das Graças Oliveira, que nos orientou com muita sabedoria e discernimento. Um exemplo de professora, que desenvolve seu ofício com competência, dedicação e, sobretudo, amor pelo que faz.

Enfim, a todos que de forma direta ou indiretamente, se fizeram presentes nesta etapa de minha vida.

Meu muito obrigada de todo coração!

*“E a coisa mais divina
que há no mundo
é viver cada segundo
como nunca mais...”*

Vinícius de Moraes

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar as memórias e reflexões teóricas e práticas vivenciadas ao longo de minha trajetória escolar e acadêmica, constituída por lembranças e recordações vividas no decorrer de minha trajetória inicial, durante os primeiros anos de escolarização, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, no ensino médio e durante os quatro anos de licenciatura em pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande. Além destas experiências aqui tomadas como memórias de formação social e profissional, são tomadas como destaque as experiências vivenciadas nos Estágios Supervisionados da grade curricular do curso, correlacionando com as disciplinas teóricas, sendo estes: Estágio Supervisionado I, em gestão escolar; Estágio Supervisionado II, na educação infantil e Estágio Supervisionado III, nos primeiros anos do ensino fundamental. O estágio supervisionado no contexto da educação superior tem fundamental importância, por destacar-se como etapa que possibilita aproximação entre os conhecimentos adquiridos em sala de aula e o convívio prático em seu futuro ambiente de trabalho. Sendo assim, o estagiário entra em contato com o mundo escolar, coletando informações, observando, registrando tudo o que poderá auxiliá-lo a diagnosticar as e relatar os pontos positivos e negativos observados nas instituições de ensino. Por fim, traçam algumas expectativas acerca da realidade escolar: a escola que temos e a escola que queremos, buscando refletir sobre a necessidade de reconfigurar o papel docente junto às demandas sociais e educativas.

Palavras-chave: trajetória acadêmica; estágios; reflexão; formação.

Lista de abreviaturas e siglas

Constituição Federal (CF)

Laboratório de Materiais Didáticos de Ensino de Matemática (LAMADEM);

Lei de Diretrizes e Bases (LDB);

Projeto Político Pedagógico (PPP);

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);

Sumário

1.	Introdução.....	11
2.	Trajetória escolar: lembranças que ficam.....	13
3.	Trajetória acadêmica: formação de um pensamento crítico.....	22
3.1	Construindo experiências na área de matemática: monitoria e área de aprofundamento.....	28
4.	Experiências e reflexões vivenciadas nas disciplinas de estágio.	31
4.1	A escola que temos: conhecendo a realidade das instituições de ensino.....	33
4.2	Docência e gestão escolar: uma articulação necessária.....	36
4.3	A prática docente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental	40
5.	A escola que queremos.....	44
	Considerações finais.....	49
	Referências bibliográficas.....	51

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) tem por objetivo resgatar alguns aspectos de minha trajetória estudantil e acadêmica que contribuíram significativamente para minha formação enquanto pedagoga e refletir sobre a importância dos estágios supervisionados realizados no curso de Pedagogia enquanto etapa fundamental na formação docente e sua relação com a prática pedagógica do professor em atuação, abordando aspectos cruciais para compreendermos a articulação entre teoria e prática.

Contemplarei a trajetória escolar antes do ingresso na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a fim de retratar algumas experiências que impulsionaram a escolha desta carreira profissional, abordando ainda, fatos que fizeram refletir sobre a educação e a importância do Pedagogo como mediador de saberes em sala de aula.

Outra parte do trabalho é dedicada à alguns aspectos da trajetória de formação durante a graduação, aspectos estes que contribuíram para um pensamento crítico acerca da sociedade e da educação brasileira. Foram resgatadas importantes teorias estudadas durante algumas disciplinas do curso, aprendizados durante a minha participação em programas de Monitoria.

Contemplarei, ainda, experiências e reflexões vivenciadas nas disciplinas Estágio Supervisionado I, relacionada à gestão escolar, Estágio Supervisionado II, desenvolvido na educação infantil e Estágio Supervisionado III, referente aos anos iniciais do ensino fundamental. Essas experiências serão abordadas por meio de três seções, quais sejam: A escola que temos; Docência e gestão escolar; A prática docente na educação infantil e no ensino fundamental. Todas as seções abordam reflexões resultantes de uma leitura crítica da realidade escolar vivenciada nos dias atuais.

A primeira seção objetiva refletir sobre a escola que temos, fazendo uma leitura crítica acerca do funcionamento das instituições em que foram realizados os estágios, ressaltando avanços e retrocessos. Destacarei meu ponto de vista acerca dessa escola atual, com o intuito exercitar o senso crítico para analisar a realidade das instituições públicas de ensino.

A seguir apresentarei uma discussão sobre a docência e a gestão escolar, abordando fatores importantes para o bom desenvolvimento da prática pedagógica e

para o funcionamento da instituição escolar. Apontando a importância de uma articulação entre professores, gestores, funcionários, alunos e pais de alunos para a construção de um trabalho pedagógico significativo para todos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

Logo após tratarei da prática docente, apresentando uma leitura crítica do processo de ensino e de aprendizagem nos estágios em educação infantil e ensino fundamental. Apontaremos alguns fatores que me fizeram refletir sobre a minha prática enquanto futura pedagoga.

Apresentarei, também, uma discussão reflexiva sobre a escola que queremos, com a finalidade de mostrar minhas concepções acerca da escola que almejo, para assim, exercer minha função na educação brasileira e poder contribuir para uma educação de qualidade.

Por fim, é importante ressaltar que neste TCC apresento uma abordagem crítica e reflexiva acerca de minha trajetória escolar/acadêmica que, ao final, me proporcionou uma formação sólida para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

2. TRAJETÓRIA ESCOLAR: LEMBRANÇAS QUE FICAM

*“Preciso reviver, eu bem sei,
mesmo que só na lembrança,
voltar à minha antiga casa,
rever a minha infância
e todos os momentos felizes que lá passei.”*

Clarice Pacheco

Pensar sobre um momento já vivido nos faz revivê-lo e ao mesmo tempo compreender o porquê de algumas coisas que nos acontecem durante nossa vida. Voltar às lembranças de nossa trajetória escolar é bastante delicado, pois, possa ser que em alguns momentos possamos perceber que nem tudo era como achávamos e que, embora achássemos certo naquele momento, não era o melhor para a construção de nossas aprendizagens em sala de aula.

Com isso não é minha intenção criticar, mas refletir sobre como poderia ser minha aprendizagem se tivesse ocorrido de forma diferente, com outras concepções de ensino. Para tanto, desenvolvo nesta primeira parte do TCC um delineamento da minha formação escolar desde a educação infantil até o ensino médio refletindo, por meio das abordagens de ensino apontadas por Libâneo (1994), Mizukami (1986), e Freire (1996) a prática educacional experimentada durante esses períodos.

Retornar as lembranças de nossa infância não é fácil. Como ressalta Clarice em seu poema *Quando rever é reviver*, reviver as lembranças de uma época que já passou, nos ajuda a ver o quanto vivenciamos momentos e experiências incomparáveis. Existem momentos no qual não podemos esquecer, o início de nossa vida estudantil é uma das coisas que jamais fogem à nossa memória. O contato com algo tão novo nos faz sentir insegurança e ao mesmo tempo curiosidade e, certamente, comigo não poderia ser diferente.

Início aqui minhas memórias relatando a trajetória escolar que segue da educação básica ao ensino superior. cursando todas as etapas da educação básica em

instituições públicas de ensino, meu primeiro contato com o mundo escolar ocorreu a partir do ano de 1999, ainda na educação infantil (Pré-escolar I e Pré-escolar II) em um grupo de ensino regular estadual, local onde vivenciei novas experiências, tanto educacionais quanto emocionais. Com apenas cinco anos de idade, me sentia insegura e bastante tímida. Sempre calada, não gostava de falar muito e por pouco me desmanchava em lágrimas. Para mim, talvez tenha sido o período mais difícil, lembro-me da dificuldade que tinha para ler as palavras e do sentimento de incapacidade ao não conseguir escrever meu nome. Algo marcante era o choro todo final de tarde ao tentar ler as lições da cartilha, o sentimento de fracasso era mais forte do que qualquer elogio que a professora fizesse a mim.

O medo de *não saber* fazia com que a aprendizagem se tornasse algo doloroso e angustiante. Nesse aspecto vejo características de um ensino baseado na transmissão e repetição de conteúdos, como ressalta Mizukami (1989, p. 15), “a didática tradicional quase que poderia ser resumida, pois, em “dar a lição” e em “tomar a lição”. Com isso o autor quer dizer que nessa perspectiva de ensino, a reprodução dos conteúdos feita pelo aluno é o suficiente para indicar se houve ou não aprendizagem e para isso bastaria apenas esse tipo de exercício: o de ler fragmentos de textos que em alguns casos são descontextualizados e sem sentido para o educando.

Refletindo sobre as colocações feitas pela autora acima percebo características deste método durante meu processo de escolarização, e hoje revendo essa etapa compreendo o porquê dos meus temores no início de minha vida estudantil. Tudo isso fazia parte de uma concepção de ensino onde se primava pelos resultados e não pelos processos, o erro era visto como algo que não poderia acontecer ou mesmo se acontecesse era algo que deveria ser reprimido.

Marcada por muitos medos e insegurança, percebo marcas que ultrapassaram os muros escolares. Até certo tempo em minha vida, a timidez e o medo de falar em público foi algo que me acompanhou tanto nos espaços formativos como nos espaços sociais extraescolares e acadêmicos. O ensino centrado apenas no professor e o silêncio em sala de aula repercute em vários âmbitos na vida de uma criança e uma de suas consequências é a falta de autonomia e de um pensamento crítico com relação à realidade.

Refletindo sobre essa assertiva, Libâneo (1994) já destacava que na concepção tradicional de ensino supõe-se que ouvindo e fazendo exercício de repetição os alunos memorizam com mais facilidade os assuntos para saberem responder quando forem

questionados e para isso basta apenas que as crianças prestem atenção, ouvindo e reproduzindo conforme solicitado. Era dessa forma que agia, ora escutava ora reproduzia exercícios e atividades modelos. Dificilmente questionava ou me posicionava diante de um determinado conteúdo ou temática ensinada no âmbito escolar.

Mesmo sendo protagonista desse ensino, consegui ser alfabetizada, embora tenha tido muitas dificuldades. Com isso não quero afirmar que o ensino a qual tive a oportunidade de receber tenha sido ruim, apenas me questiono se não poderia ter sido diferente e mais prazeroso, uma vez que, sabemos que não existem concepções “certas” ou “erradas”, mas sim diferentes concepções que devem ser assumidas para se ensinar.

É importante ressaltar que apesar de tudo, pude estabelecer relações de afetividade com colegas como também professoras, pois minhas angústias eram apenas com relação às atividades e não com as pessoas que faziam parte do processo de ensino. O que me impulsiona a acreditar que a educação deve ser palco de trocas e aprendizados contínuos, quer sejam dos conhecimentos advindos do professor, quer sejam dos alunos. E ainda que o método de ensino por mim vivenciado nos primeiros anos de escolarização não tenham ocorrido de modo interativo e motivador, não poderia deixar de registrar quão importante e significativo foram estas experiências para minha formação hoje, sobretudo refletir sobre como os aspectos positivos e negativos de um método de ensino podem influenciar na vida de uma criança.

Impressões positivas também foram vivenciadas e merecem destaque aqui, sobretudo no que se refere a afetividade e carinho com que era tratada por minhas professoras nestes primeiros anos escolares. Assim como as brincadeiras, as amizades e aprendizado que me serviu para seguir em frente nos estudos posteriores.

Após a conclusão dessa etapa de alfabetização, era hora de “avançar” nas aprendizagens de novos conhecimentos. Em 2000 passei a cursar a 1ª série do ensino fundamental I, no mesmo grupo escolar, só que agora com outra professora, era uma sala de aula multiseriada e foi nela que cursei da 1.ª à 4.ª série, atualmente conhecidos como 2º ao 5º ano do ensino fundamental.

Durante os quatro anos que passei nesta sala de aula, notei apenas algumas diferenças nos métodos de ensino, ainda era tudo muito semelhante ao que já havia experienciado. Mas algo despertava meu interesse para dedicar-me aos estudos, creio que um dos motivos tenha sido a maneira em que a professora se colocava em suas aulas, gostaria de um dia poder ter tanto conhecimento quanto ela.

O interesse pelo ensinar foi crescendo a partir das séries seguintes, quando a professora me pedia para “tomar a lição” dos alunos que ainda não sabiam ler. Mesmo hoje sabendo que essa prática não seria a mais adequada, naquele momento, para mim era a melhor forma de ensino e me sentia bem ao fazê-lo.

Por ser multiseriada muitas vezes havia conflitos e também situações desgastantes tanto para a professora quanto para os alunos. Isso nos mostra a grande dificuldade enfrentada por muitos professores da educação básica em ter que dar conta de várias séries de uma única vez, e para isso dá-se ao educador a característica de polivalência, onde ele também desempenha várias funções em sala de aula e não apenas ensina.

Com relação às funções que o professor ocupa em sala de aula a autora Oliveira diz que

o professor, diante da variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. (OLIVEIRA, 2004 p. 1132)

Sendo assim, podemos observar que tanto no período de minha trajetória escolar quanto na situação atual da educação, muitos professores ainda exercem papéis que na maioria das vezes não compete a sua função, nos fazendo refletir sobre a seguinte questão: será que a sobrecarga do professor deve-se ao fato de não ter profissionais nas escolas que exerçam as demais funções? Podemos observar que a falta de uma equipe pedagógica completa vem sendo frequente no âmbito educacional e isso se deve ao pouco investimento que temos na educação, que não disponibiliza profissionais para esse campo de atuação.

Retomando as minhas experiências de sala de aula, era notável que o ensino pautava-se apenas no livro didático e muitos conteúdos eram deixados de ver ao longo do ano letivo, a memorização também se fazia presente nas aulas, a exemplo tínhamos as provas orais realizadas a cada bimestre. O silêncio também era primordial nas aulas (embora isso fosse algo difícil de controlar) e por alguns momentos deixava a sala tensa. O erro também era tido como algo ruim que deveria ser corrigido para não se repetir novamente.

As disciplinas de Ciências e de Estudos Sociais sempre foram as que mais me interessava, embora visse poucas vezes durante cada bimestre, isso ocorria por que se

priorizava o ensino de Português e de Matemática, as demais disciplinas também me atraíam, pois a vontade de aprender era muito grande. Via os estudos como algo necessário para minha vida, isso me ajudou a superar muitos desafios tanto em sala de aula como fora dela, a exemplo da distância que tinha que percorrer caminhando até a escola todos os dias.

Por fim, como podemos observar, na minha infância (da alfabetização ao término do ensino fundamental I) sempre gostei de dedicar-me aos estudos, e via isso como uma porta de oportunidades para um futuro melhor e assim poder oferecer a minha família melhores condições de vida, pois apesar de ser de família humilde acreditava em um futuro mais promissor. Não sei ao certo se fiz bastante, mas sei que até hoje me esforço para alcançar minhas metas e utilizar um pouco de meu conhecimento para ajudar outras pessoas.

Retornar essas lembranças me faz perceber que a infância é um período de muitas descobertas e rica em aprendizagens, não só no âmbito educacional, mas também nas experiências vivenciadas no dia-a-dia com familiares e amigos. Embora não tenha tido boas condições financeiras, isso nunca me impediu de dar asas a minha imaginação e simbolizar por meio de objetos brinquedos impagáveis. Infância para mim, não limita-se a um período de fragilidade, mas sim de muitas oportunidades de conhecer o que ainda nem ouviu falar, se arriscando para se formar a cada dia.

Mas ainda não paramos por aqui, após a conclusão da primeira etapa do ensino fundamental, passei a cursar os anos finais do ensino fundamental, agora em outra instituição de ensino que estava localizada na zona urbana do município de Aroeiras e não mais na zona rural. Para chegar até o colégio já não poderia mais ir caminhando, necessitava de transporte escolar, que nesta época eram os conhecidos *Toyotas* utilizado para transporte nas localidades rurais de difícil acesso.

Nos anos finais do ensino fundamental, o ensino de cada disciplina era ministrado por professores diferentes e não mais por um único educador e, conseqüentemente, o medo era muito mais presente nesse período, pois, se antes eu temia apenas a uma professora, agora eram vários, cada um com posturas rígidas e métodos diferentes, confesso ter sido difícil me adaptar a nova instituição, mas isso durou apenas alguns meses. Logo estava me enturmando com novos colegas, novas rotinas, novos conteúdos.

No período da 5^a à 8^a série, tive a oportunidade de mergulhar em novos conhecimentos que me motivavam a aprender cada vez mais. Como cada disciplina era

ministrada por um professor havia algumas que me fascinavam mais outras nem tanto. Os métodos também variavam de professor para professor, mas a maioria ainda utilizava o livro didático como único suporte em sala de aula e a aplicação de grandes questionários também se faziam presentes. As avaliações objetivas e descritivas também eram algo frequente e costumava deixar a maioria dos alunos inquietos e ansiosos.

Havia também alguns professores que substituíam provas pelos chamados “seminários” que não passavam de meras memorizações e decodificações de trechos de capítulos do livro didático. Talvez esse seja um dos motivos, além da timidez, de não gostar de apresentar seminários nessa época. Tudo isso foram marcas deixadas por um ensino pautado na disciplina e repressão de qualquer expressão de pensamento.

Sobre tal prática de ensino, Paulo Freire (1996) afirma que ensinar vai além do simples reproduzir, para ele ensinar é criar oportunidades para construção do conhecimento e, portanto, o professor deve estar aberto às perguntas e curiosidades dos alunos, haja vista que ensinar é um processo de troca de saberes entre aluno e professor.

Diferentemente dessa concepção, passei por um processo onde apenas o professor era o detentor de saber em sala de aula. A nós alunos cabiam recebermos os conhecimentos prontos.

Foi diante dessa realidade que tive a necessidade de encontrar motivações em mim mesma para ir em busca de novos conhecimentos e uma das saídas que encontrei foi a prática da leituras nos horários livres, que fosse na biblioteca do colégio ou em casa. Apesar de nem sempre ser incentivada pelos professores, exceto nas leituras de capítulos do livro a ser trabalhado na aula seguinte, e que por sinal, não eram debatidos, respondíamos apenas os questionários, gostava de ler literaturas e contos por puro prazer.

Foi, porém, no último ano do ensino fundamental (8.ª série), que tive um professor o qual me chamava atenção. Seu modo de ensinar era totalmente diferente dos demais e ao passo que isso me causou certo medo, aos poucos me fez perceber que para conseguir superar nossas limitações e dificuldades era preciso se dedicar e ter de fato compromisso com meus objetivos. Em suas aulas tínhamos a oportunidade de dialogar sobre os assuntos de modo dinâmico e dialógico. É certo que, como não havia esse costume antes, sempre era mais difícil interagir, mas com o passar do tempo fui me adaptando a sua metodologia e foi possível a interação plena nos debates, o que, sem dúvidas, fez com que as aulas se tornassem mais proveitosas.

Hoje percebo a grande contribuição desse professor para minha formação e assim como Paulo Freire (1996), acredito que para se ensinar é preciso saber escutar. Diferentemente dos outros professores, nas apresentações de seminários, era discutido o que havíamos aprendido sobre o tema abordado e não o que o autor do livro achava ou fragmentos desconectados de assuntos pouco significativos.

Todas essas experiências vivenciadas nos anos finais do ensino fundamental fizeram com que a vontade de aprender fosse aprimorada e ao longo do tempo percebia que mais se aproximava o momento em que teria que fazer escolhas para meu futuro. Também crescia a responsabilidade com aquilo que realizava, sobretudo com a minha educação. Embora tenha passado algum tempo desde o início de minha trajetória escolar, ainda pensava a educação como algo necessário e uma oportunidade para conseguir meus objetivos.

Após a conclusão do ensino fundamental, ingressei no ensino médio, ainda no mesmo colégio, embora pareça estranho, foi uma das etapas da educação básica que mais gostei, talvez ao longo dessa análise possamos compreender por que foi tão significativo esse período.

Ao longo dos três anos do ensino médio tive bons professores, estes com novos métodos de ensino, embora tivesse sempre como principal material: o livro didático, agora, as atividades estavam mais contextualizadas pelos professores. Já não eram mais objetivas, mas permitíamos a reflexão. Como não estava acostumada a refletir sobre o conhecimento, tive um pouco de dificuldade, pois como dar minha opinião se não a achava “correta”. Foi só com a ajuda de alguns professores que pude compreender que não existe pensamento certo ou errado, e sim formas diferentes de refletir sobre determinado assunto, mas para essa reflexão era necessário também a fundamentação dela e era o que tinha dificuldade em fazer.

Nessa perspectiva Paulo Freire também aponta para a necessidade de despertar nos alunos o senso crítico sobre aquilo que se lê, só assim é possível transformar a informação em conhecimento:

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. (FREIRE, 1996, p. 27)

Com isso podemos perceber que o fato de ler muitos livros não significa compreendê-los, a compreensão parte da reflexão, do posicionamento crítico sobre o que se lê, pois na medida em que se age sobre a leitura a torna útil, não é apenas reproduzir o que o autor descreve, mas pensar sobre, levantar questionamentos, contrapor ideias e defende-las.

As leituras que antes não eram tão exigidas, agora, faziam parte de meu cotidiano, passei a ir com frequência à biblioteca do colégio. Considero todas as leituras realizadas úteis para meu crescimento intelectual. Mesmo com algumas sobrecargas de atividades sempre reservava um tempo para apreciar as obras que levava para casa.

Especialmente no 3.º ano do ensino médio, tive maior incentivo por parte de meus professores a escolher uma carreira para trilhar no ensino superior. Estes viam a dedicação e esforço que tinha para com as disciplinas. Muitas dúvidas surgiram na hora de resolver o que realmente queria para meu futuro, foi aí que passei a refletir sobre tudo que já tinha passado ao longo de minha trajetória escolar e percebi que em cada etapa a vontade de lutar por melhorias no ensino sempre se fazia presente. Mas como promover tal tipo de mudança? Eu era apenas uma jovem idealista. Via em mim marcas que não gostaria que outras crianças pudessem ter. É bem verdade que não foram apenas marcas ruins, pois também tive muita compreensão e confiança por parte de muitos professores, mas as marcas que me refiro aqui são as negativas.

Foi pensando em todo o processo de aprendizagem que vi na carreira de pedagoga uma chance de mudar a realidade de ensino atual, um ensino que reprime os desejos da criança, que tira o seu direito de fala e de qualquer expressão que possa realizar. Embora soubesse que sozinha não poderia mudar muita coisa, mas pelo menos estaria fazendo minha parte e ajudaria a muitas crianças a desenvolverem sua aprendizagem de maneira mais significativa e prazerosa.

Durante toda educação básica se repetia as mesmas práticas, é bem verdade que por vezes existiu algumas evoluções, mas nada que fizesse desse ensino o melhor. A etapa do ensino médio é um exemplo dessas evoluções e por isso minha afirmação no início dessa discussão, realmente foi a que mais me motivou, porém, ainda faltava muito para construir um ensino de qualidade que fizesse do aluno um ser pensante e capaz de refletir sobre a sociedade.

No ensino médio pude abrir um pouco a mente para me posicionar diante da opinião de alguns autores que lia, mas era apenas isso, a criticidade não iria além das

fronteiras da sala de aula, não era possível fazer uma análise da sociedade em que vivia, pois aos meus olhos tudo era como deveria ser, foi isso que aprendi durante anos.

Ao término do ensino médio já havia decidido qual caminho iria percorrer dali em diante: Pedagogia. Essa decisão não foi tomada de uma hora para outra, mas processualmente a cada etapa que passava na educação. A alfabetização, ensino fundamental, e o ensino médio me fizeram despertar para uma realidade que necessitava de mudanças e que isso só seria possível se cada educador se comprometesse com a educação.

Embora saibamos das dificuldades em exercer esse ofício, não podemos nos isentar de nossa obrigação enquanto tal, pois, uma vez escolhida, passa a ser nosso dever cuidar para que este público tenha acesso ao conhecimento da melhor forma possível, sem que, para isso, lhes sejam negado o direito de fala, considerando-o como uma “tábua rasa” ou sujeito vazio de conhecimentos e experiências próprias. A criança tem muitos conhecimentos que podem ser aprofundados pelo professor. Curiosidades que podem ser instigadas e opiniões que devem ser respeitadas.

Contudo, cabe ao educador, enquanto profissional da educação, aprofundar seus conhecimentos de docência, por meio de um preparo acadêmico sério e formação constante. Por isso, surge à necessidade do ingresso no ensino superior, que dará suportes teóricos para relacionar com a prática da sala de aula e torna-la mais significativa, uma vez que sabemos que para um ensino de qualidade não basta fazê-lo, mas saber como fazê-lo e para quê fazê-lo. O professor tem que ter conhecimento de sua prática e em que se fundamenta para poder refletir sobre a mesma.

É diante da necessidade de aprofundar os conhecimentos no âmbito educacional, mais precisamente no trabalho com as crianças, que discutirei na segunda parte deste TCC, minha trajetória acadêmica, que teve início em 2011 na Universidade Federal de Campina Grande.

Intitulada Trajetória Acadêmica: formação de um pensamento crítico, a seção a seguir visa discutir as experiências e aprendizagens vivenciadas nos últimos quatro anos no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal de Campina Grande, discutindo a importância das disciplinas teóricas e experiências extracurriculares para minha formação enquanto pedagoga.

3. TRAJETÓRIA ACADÊMICA: FORMAÇÃO DE UM PENSAMENTO CRÍTICO

“Somos sujeitos por que desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos; na busca permanente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da felicidade a que todos temos direito.”

Magdalena Freire

A busca pelo conhecimento é algo que nunca nos satisfaz, sempre estamos aprendendo coisas novas e isso nos motiva a querer sempre mais. A felicidade também é algo que almejamos ter em nossas vidas, ser feliz é o que todo ser humano pode querer. Mas será possível encontrar a felicidade no conhecimento? Talvez há quem diga que sim outros digam que não, quando conseguimos compreender algo que há um certo tempo não entendíamos qual o nosso sentimento? Alegria, felicidade... e o que dizer do sorriso de uma criança ao conseguir ler, escrever ou decifrar algo? Essas indagações fazem parte de uma forma de pensar sobre o educar, é ter a felicidade em ver as crianças aprenderem, esse deve ser o desejo de todo pedagogo. Amar aquilo que faz é ao mesmo tempo estar feliz e fazer outras pessoas felizes.

Assim como Magdalena Freire, penso que a educação é algo que nos mantém na sociedade. É pela educação que podemos tornar a sociedade em que vivemos cada vez mais justa, mas para isso a transformação deve partir de cada um de nós. É bem verdade que ao longo de uma formação acadêmica conceitos são construídos e concepções são desconstruídas, porém, tudo isso faz parte de um processo pelo qual temos que passar para poder tomar consciência sobre o mundo e a sociedade.

Minha trajetória acadêmica teve início em 2011, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Como tudo que é novo causa certo medo e impacto, na universidade não poderia ser diferente, a princípio foi difícil me acostumar com a nova forma de ensino. Demorei um pouco para perceber que a partir daquele momento a

única pessoa responsável pela minha formação seria eu mesma, pois ninguém é capaz de formar outra pessoa, apenas dar subsídios para que vá em busca de seu conhecimento.

O papel fundamental que os professores/doutores tiveram na construção de minha formação enquanto futura pedagoga foi indispensável, sem a qual não conseguiria ter me tornado o que sou hoje. Foi com a ajuda de cada professor que pude construir um conceito de educação, conceito este que abre possibilidades para o sujeito se formar enquanto cidadão de direitos na sociedade, essa educação a que me refiro respeita a maneira do outro se expressar, a forma de pensar, a criatividade e muitas outras características que fazem parte da vida de cada indivíduo.

Não poderia deixar de ressaltar o papel fundamental que tiveram meus colegas de turma, pois não seria possível esta formação sem a interação entre cada um de nós. Juntos, construímos conhecimentos, superamos desafios, compartilhamos experiências e demonstramos afeto.

No que se refere a importância dessa interação no processo de formação do sujeito, assim com Vygotsky apud Oliveira (1995), penso que seja fundamental a troca de saberes entre os indivíduos envolvidos neste processo. Nesta perspectiva, Oliveira (1995, p. 38) aponta que, para Vygotsky, “a vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um”. É pela participação ativa de cada um na sociedade, que os sujeitos se formam, é na troca de experiências uns com os outros que podemos elaborar nosso pensamento e novos conceitos.

A maior parte do conhecimento que tenho foi construído na convivência com meus colegas de turma, nas relações estabelecidas ao longo de cada período. Isso fez com que enxergasse as várias formas de pensar sobre a sociedade em que vivemos e em especial sobre a educação que temos nos dias atuais.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da UFCG, a formação acadêmica em Pedagogia objetiva a formação geral do aluno bem como seu preparo à docência, para tanto, inclui conhecimentos enquanto às dimensões: filosófica, sociológica, histórica, política, psicológica, econômica, cultural e outras que contribuem para o desempenho do trabalho pedagógico.

Cada dimensão citada foram relevantes para minha formação, pois a base filosófica me ajudou a compreender a história da filosofia e seu discurso, abriu meu olhar para entender os discursos da educação. Nesta área, pude ter acesso a muitas

bibliografias, dentre elas ressalto a do autor Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia*, que possibilitou enxergar que na prática de ensino é preciso conscientizar o educando de sua realidade social, nesta perspectiva o autor destaca que: “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 98).

A intervenção no mundo que o autor quis mostrar é que além dos conhecimentos dos conteúdos ensinados, a educação pode tanto disseminar uma ideologia dominante na sociedade como pode *desmascará-la*, como o próprio autor fala, com isso, está sob a responsabilidade da educação abrir os olhos dos indivíduos para as ideologias dominantes da sociedade ou não. Contudo, enquanto futura educadora, pude compreender a partir dessas teorias que ensinar é fazer com que as crianças possam ter um pensamento crítico sobre sua realidade e para isso é preciso que eles a conheçam, inclusive as ideologias que nela estão subjacentes.

No que se refere à área sociológica, foi possível conhecer as teorias dos pensadores clássicos da sociologia como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, bem como problematizar e discutir criticamente os fenômenos educacionais a partir dos fundamentos sociológicos da educação.

De acordo com Romeiro, Festa e Ferraz (1981), esses três autores, Durkheim, Weber e Marx se tornaram clássicos por conta de sua riqueza e profundidade teórica de suas obras, eles representam pontos de vistas distintos um dos outros a respeito da objetividade científica no conhecimento da vida social.

Segundo o autor Rodrigues (2001), para Durkheim, a educação é essencialmente o processo pelo qual aprendemos a ser membros da sociedade, ou seja, é a própria socialização do indivíduo. Ele acreditava que a educação consiste numa ação exercida pelos adultos sobre as crianças, pois estas, segundo ele, ainda não estariam preparadas para vida social.

Ainda de acordo com Rodrigues (2001), Marx via na educação uma forma de emancipação do ser humano, um meio pelo qual o indivíduo pode se libertar da exploração do capitalismo. Para ele, os conteúdos deveriam contemplar uma educação mental (que diz respeito a educação para o trabalho intelectual), a educação física (seria a educação do corpo) e a educação tecnológica (o manejo dos instrumentos e máquinas).

Por ultimo, temos Weber que segundo o autor, a educação para ele, deve ser responsável por despertar o carisma, preparar a criança para a conduta de vida e de transmitir conhecimento especializado.

Contudo, todas essas visões dos autores, foram muito importantes ao que se refere ao pensamento sobre a sociedade em que vivemos, e proporcionou um olhar sobre três perspectivas distintas permitindo nossa reflexão sobre cada uma delas bem como a análise do papel da educação na sociedade.

No que se refere a dimensão histórica, pude ver os vários momentos e configurações da educação escolar, como também o processo histórico da construção da escola pública brasileira. Para tanto, gostaria de chamar atenção para a obra *História da Educação e da Pedagogia* da autora Maria Lúcia de Arruda Aranha (ARANHA, 2006).

Esta obra contempla um estudo sobre a educação e suas teorias bem como o contexto histórico em que surgiram. A educação é tida como algo que está estreitamente ligado aos fatos políticos e sociais, pois, as questões que à envolve acontecem por meio das relações que se estabelecem entre as pessoas nos diversos âmbitos da sociedade.

Neste sentido, ao longo da discussão de cada capítulo foi possível compreender os vários processos, de acordo com os períodos históricos, que a educação brasileira enfrentou. Pude ver o processo da educação desde a chegada dos Jesuítas ao Brasil, que tinham como objetivo fixar o ideário católico na concepção de mundo dos brasileiros e conseqüentemente inserir a tradição católica no ensino, até a modernidade, que se caracteriza em um momento de universalização da educação, onde se objetivava uma educação para a criatividade, invenção, substituindo os métodos convencionais e modelos impostos.

Na dimensão política, tiveram grande contribuição os estudos realizados acerca do estudo da política educacional brasileira, enfocando as dimensões política e pedagógica da organização da educação básica. Sobre essa dimensão, gostaria de destacar também duas obras que serviram como base teórica para esclarecer a questão do financiamento e da organização do ensino dos autores Oliveira e Adrião (2007), são elas: *Gestão, financiamento e direito à educação: análise da Constituição Federal e da LDB (a2007)*; e *Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB (b2007)*.

Sobre a primeira obra, me proporcionou uma compreensão o sobre o direito à educação, discutindo a formulação desse direito e formas para sua efetivação de acordo com a LDB e a Constituição Federal – CF. Nesse sentido, Oliveira (2007 p. 15) refere-se a educação como um direito que consiste na *compulsoriedade* e na *gratuidade*.

A LDB, no Art. 2.º, refere-se à educação da seguinte maneira:

a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p. 01)

Nesta perspectiva, pode observar que a educação é dever tanto da família quanto do Estado e seu objetivo é formar cidadãos, sendo assim, é possível fazer algumas reflexões, tais como: será que essa educação está sendo desenvolvida verdadeiramente seguindo essa finalidade? A educação que é disseminada nos dias atuais está formando cidadãos críticos, capazes de refletir sobre a sociedade em que vivem? As respostas a essas perguntas esta na concepção que cada um tem sobre educação.

Se acharmos que ser cidadão é apenas exercermos o direito de votar, estamos reduzindo essa formação apenas a uma atividade mecânica e só. Mas se pensarmos a cidadania como algo que proporciona o posicionamento dos sujeitos, conhecimento de seus direitos e deveres na sociedade e respeito ao outro, estamos dessa forma colocando essa formação como uma forma de emancipação do homem e seu desenvolvimento consciente.

A questão da organização do ensino no Brasil também foi algo que tive a oportunidade de refletir, na segunda obra de Oliveira e Adrião (b2007), citada acima. Nela, os autores fazem uma análise por meio da CF e da LDB da organização desse ensino, apresentando suas modalidades, quais sejam: educação infantil, ensino fundamenta, ensino médio, educação superior, educação de jovens e adultos, educação profissional e educação especial.

Por meio dessa obra, pude compreender a oferta de cada modalidade, bem como a responsabilidade dos municípios, estados e governo na promoção de cada uma delas. Foi possível observar também que as leis deixam claro que mesmo que apenas o ensino fundamental tenha continuado obrigatório para os alunos, isso não significa dizer que as demais etapas que compõe a educação básica não sejam ofertadas, pelo contrário, as demais modalidades devem ser ofertadas obrigatoriamente por parte do Poder Público de acordo com o Art. 208 da CF.

Enfatizadas as contribuições da dimensão política, agora irei me referir a dimensão psicológica, esta que foi fundamental para o conhecimento do desenvolvimento da criança. Nas disciplinas referentes à psicologia, destaco dois nomes muito renomados nesta área de conhecimento: Piaget e Vygotsky.

De acordo com o autor Atkinson (2002), Piaget destaca-se pela teoria estruturalista de desenvolvimento, apresentando cinco possíveis estágios que as crianças passam, sendo eles: Estágio sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal. No estágio sensório-motor a criança é capaz de diferenciar os objetos de si mesma. No pré-operatório, começa a fazer uso da linguagem e representar os objetos por meio de desenhos e palavras. Já no operatório-concreto, é capaz de pensar de maneira lógica tanto sobre objetos como sobre eventos. Por último, temos o estágio operatório-formal, este se caracteriza pela capacidade que as crianças têm de pensar logicamente sobre suposições abstratas e testar hipóteses.

Estas concepções contribuíram para que pudesse compreender como se dá o desenvolvimento das crianças me ajudando no trabalho e no desenvolvimento das atividades com elas. No entanto, sabemos que existem outras concepções, como a de Vygotsky.

Para Vygotsky, o fator social e cultural é primordial no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Ele acredita que a aprendizagem ocorre por meio da mediação entre aqueles que já possuem um conhecimento mais amplo e aqueles que ainda não possuem, ou seja, a troca de conhecimentos é que permite novos conhecimentos. Vygotsky acredita que é pela linguagem que os indivíduos *trocamos significados sociais* (ATKINSON, 2002, p. 106).

Tendo em vista a importância desses teóricos para a educação, considero uma grande contribuição para minha formação suas teorias. Assim como as demais, gostaria de ressaltar também as dimensões econômica e cultural, estas que nos forneceram subsídios para compreender tanto aspectos referentes a influência do capitalismo nas práticas de educação como também, a importância do respeito as várias culturas.

No âmbito econômico, tivemos a oportunidade de ver como ocorre a organização do processo de trabalho, como também, as transformações ocorridas através do desenvolvimento científico e tecnológico e, o papel da educação em meio às novas exigências que a sociedade impunha para a formação do sujeito.

Com relação à dimensão cultural, vimos o quanto a discriminação com relação a outras culturas ainda é bastante presente, mas que o educador tem um papel fundamental que é o de desenvolver atitudes contrárias a qualquer tipo de discriminação. Em sala de aula, o professor deve promover situações onde as crianças possam interagir umas com as outras independentes de sua cultura, raça ou cor.

Outras disciplinas fizeram parte dessa trajetória acadêmica, como por exemplo: na área de matemática, de geografia, ciências, linguagem, entre outras. Gostaria de citar em especial a disciplina de Didática, esta que me ofereceu suporte para construção de planos de aula mais significativos e atrativos para as crianças. Direcionou a prática do planejar para crianças tanto da educação infantil quanto dos anos iniciais do ensino fundamental, orientando-me a fazer um planejamento de acordo com a realidade das crianças e do contexto que estão inseridas.

Outra disciplina indispensável para a formação do educando refere-se à Educação Física, esta me fez enxergar as muitas aprendizagens que a criança pode construir no processo de brincadeiras, jogos e atividades corporais. Pude ver que a educação física deve ser considerada uma atividade que exige mediação do professor, e cada uma delas deve ter um objetivo que contribua para o aprendizado da criança.

As bases teóricas que vi durante o curso me ajudaram a refletir sobre a educação e sobre a prática de ensino, bem como, me fez enxergar o que está por traz da sociedade capitalista que vivemos e repensar uma educação que combata a alienação presente no meio em que vivemos.

Durante o curso também houve uma área pela qual senti interesse de me aprofundar mais, com também viver experiências que me fizeram crescer na prática de ensino, esta, me possibilitou entender como podemos utilizar materiais didáticos de forma adequada com as crianças em sala de aula, bem como me fez compreender que uma boa aula não depende unicamente da disponibilização de materiais didáticos, mas também da didática de cada professor. A seguir, destacarei a importância dessa área de conhecimento na minha formação.

3.1. CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS NA ÁREA DE MATEMÁTICA: MONITORIA E ÁREA DE APROFUNDAMENTO

A Monitoria é um programa da UFCG que contempla duas modalidades: Monitores Bolsistas e Monitores Voluntários (UFCG, 2008). Minha experiência foi na condição de voluntária nos períodos 2013.1, na disciplina de Matemática Elementar, 2013.2, na disciplina Metodologia do Ensino da Matemática I e 2014.1, na disciplina de

Matemática II na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, todas sob a orientação do professor Pedro Ribeiro Barbosa.

Foi um momento muito importante que me possibilitou crescimento no âmbito do ensino como também no âmbito emocional. Tive o prazer de acompanhar a mesma turma durante as três disciplinas e isso me fez ver o desenvolvimento tanto das alunas como o meu.

Durante o percurso da disciplina Matemática Elementar, foi possível desenvolver algumas atividades referentes ao ensino de matemática, como os atendimentos para a discussão das atividades trabalhadas na disciplina, tendo por finalidade debater os exercícios e conteúdos trabalhados e socializar as possíveis dúvidas, que poderiam surgir no decorrer da resolução das atividades complementares, visando assim, um melhor desempenho na compreensão dos conteúdos abordados.

Foi possível também, ministrar uma aula sobre “A Operação Divisão”, obtendo um maior conhecimento acerca da necessidade de se ensinar essa operação de forma mais concreta e significativa em espaços escolares. Foi possível também mediar as informações entre professor e aluno no decorrer da disciplina, tendo como meio de comunicação o uso de e-mails de cada aluno da turma.

Enquanto monitora da disciplina Metodologia do Ensino da Matemática I, também desenvolvi atividades tais como: comparecimento a todas as aulas das disciplinas, acompanhamento do andamento das disciplinas e auxílio aos alunos e ao professor quando necessário, construindo assim elo entre professor e alunos;

Colaborei também no tocante à organização do Laboratório de Materiais Didáticos de Ensino de Matemática – LAMADEM, bem como realizei atividades de restauração e confecção de alguns materiais como, por exemplo, dos Kits de “Peças Poligonais” e “Peças Retangulares” e ministrei novamente uma aula sobre “A Operação Divisão” na disciplina de Metodologia do Ensino da Matemática I, no turno da noite do curso de Licenciatura em Matemática.

Na atuação como monitora da disciplina de Matemática II na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, desempenhei as mesmas funções de colaboração à organização do LAMADEM, acompanhamento das alunas na disciplina e ministração de uma aula sobre “A Grandeza Volume”.

A monitoria é um auxílio de grande valor para a prática de ensino aprendizagem que se busca nas disciplinas acadêmicas. Ela tem por objetivo promover uma melhor compreensão dos conteúdos abordados na disciplina, auxiliando nas atividades

desenvolvidas em sala de aula, buscando esclarecer algumas dúvidas e desenvolvendo algumas atividades que possam facilitar na compreensão dos conceitos trabalhados na disciplina.

Minha experiência enquanto monitora das disciplinas Matemática Elementar, Metodologia do Ensino da Matemática I e Matemática II na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi de grande relevância não só para minha vida acadêmica, mas também para ampliação de minha concepção de mundo, pois foi através da atuação de monitoria que pude superar alguns desafios, aprofundar meus conhecimentos na área de Matemática e adquirir uma maior autonomia na realização de algumas atividades que até então, nunca havia desenvolvido, tendo uma grande motivação por parte do professor Pedro Ribeiro Barbosa, que acreditou em minha capacidade e me orientou durante a realização das atividades desenvolvidas no decorrer do período.

Com relação à Área de aprofundamento em Matemática, aconteceu de maneira proveitosa, embora tenha ocorrido no ultimo período, a soma dos conteúdos, mais a disciplina de Estágio Supervisionado III e o TCC, acabou ocasionando uma grande demanda de atividades e talvez por esse motivo não tenha tido o aproveitamento esperado. No entanto, não posso deixar de considerar as disciplinas estudadas nesta área, sendo elas: Ensino de Matemática na Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Instrumentos Tecnológicos no Ensino de Matemática e A Matemática na Educação do Campo.

A falta de laboratórios de informática para a realização da disciplina Instrumentos Tecnológicos no Ensino de Matemática também foi um agravante, pois, como aprender a trabalhar com as tecnologias com as crianças se não a temos no processo de formação? Embora tenha havido um grande esforço por parte do professor, deixamos de ver muitas estratégias interessantes para prática de ensino, por não ter nem uma sala com internet e computadores funcionando.

Sobre a importância das novas tecnologias, em especial o computador, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que:

[...] esse impacto da tecnologia, cujo instrumento mais relevante é hoje o computador, exigirá do ensino de Matemática um redirecionamento sob uma perspectiva curricular que favoreça o desenvolvimento de habilidades e procedimentos com os quais o indivíduo possa se reconhecer e se orientar nesse mundo do conhecimento em constante movimento. (BRASIL, 1996, p. 41)

Sendo assim, é muito importante conhecer essas tecnologias como também saber utilizá-las na prática de ensino. O computador com a internet é um rico instrumento que possibilita a construção de aprendizagens e favorece à motivação e interesse das crianças na sala de aula.

Contudo, a Área de aprofundamento em Matemática foi satisfatória no sentido de ter apreendido novos conhecimentos nesta, área como também experienciar situações práticas que podemos desempenhar com as crianças no ensino da matemática. Porém, tornou-se um pouco limitada pelo curto tempo por ser concomitante com o Estágio e o TCC e pela falta de um laboratório de informática.

4. EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES VIVENCIADAS NAS DISCIPLINAS DE ESTÁGIO

*“Se observarmos atentamente o passado
Identificaremos valiosas dicas de como agir
Acertadamente no presente...”*

Lore Knust Hayek

Discutir sobre nossas experiências é ao mesmo tempo trazer a tona tudo aquilo que foi significativo para nossa formação. Quando falamos das experiências podemos refletir sobre elas, mas para que aconteça essa reflexão é necessário ter um suporte teórico que nos ajude a refletir sobre nossas práticas. Assim como Lore Knust acredito que é pela reflexão daquilo que já vivemos que podemos melhorar nossa prática no presente.

Para tanto, ocupar-me-ei aqui em relatar experiências vivenciadas no decorrer dos Estágios Supervisionados do curso de Licenciatura em Pedagogia, visando explicitar aqui os momentos de configuração e reconfiguração do agir docente na prática de ensino.

O estágio se constitui como uma atividade de investigação na qual, o sujeito tem a oportunidade de experienciar a prática de ensino em sala de aula. No entanto, é preciso entender essa prática como uma ação sobre o social, que interfere não apenas na

aprendizagem das crianças, mas também na sociedade como um todo, pois, na medida em que se intervém no processo educativo de certa forma contribui-se também para mudanças em uma determinada realidade.

Autores como Pimenta e Lucena Lima (2009) discutem o Estágio enquanto uma articulação entre teoria e prática, sendo este, um processo que envolve tanto a reflexão quanto a intervenção em sala de aula, levando em conta o contexto em que a escola, alunos e professores se encontram.

A importância do respaldo teórico na prática de ensino é destacada por Piconez (1994). Para ele, apenas a partir do saber teórico é possível ter uma postura crítica e reflexiva sobre a realidade, permitindo também o planejamento de nossas ações e nossa formação enquanto educador. Portanto, a aproximação da realidade por meio do estágio pressupõe fundamentações teóricas que embasam a intervenção de qualquer profissional e principalmente do professor. E é corroborando com as assertivas de Pimenta e Lucena (2009) e Piconez (1994) que me dediquei durante esse processo de formação.

Durante o processo de minha formação acadêmica pude passar por três disciplinas de estágios: Estágio Supervisionado I, relacionada à gestão escolar, Estágio Supervisionado II, desenvolvido na educação infantil e Estágio Supervisionado III, referente aos anos iniciais do ensino fundamental.

Foi a partir das experiências de cada um deles que pude avaliar minha prática em sala de aula, assim como, no que se refere à gestão escolar. No processo de intervenção, embora seja realizado em um período de curto prazo, tentamos colocar em prática as teorias estudadas ao longo do curso. É bem verdade que em algumas vezes isso não ocorra da maneira planejada, pois, a atuação do estagiário não depende unicamente do nosso planejamento e conhecimento individual, haja visto que se trata de um processo sob o qual estão envolvidos mais sujeitos, com singularidades e peculiaridades distintas. Sabendo assim, que o ensino se dá por meio da articulação entre estagiários, professores, gestores e alunos é normal que nem tudo o que pensamos está de acordo com os demais.

É graças as diferenças e necessidade de um maior entrosamento que defendemos a presença do diálogo. É somente a partir do diálogo que podemos planejar situações de ensino satisfatórias e desenvolver uma intervenção que atenda as necessidades das crianças.

Nesta perspectiva, trarei a seguir algumas reflexões realizadas a partir da experiência dos estágios sobre a escola que temos, destacando a realidade atual das

escolas em que foram realizados os estágios, a importância da articulação entre a docência e a gestão escolar, e também a prática docente na educação infantil e no ensino fundamental.

4.1. A ESCOLA QUE TEMOS: CONHECENDO A REALIDADE DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

A escola tem a função de inserir a criança no contexto social em que vive, fazendo com que desenvolva suas capacidades e construa seu aprendizado de maneira significativa. É pela educação que o sujeito se constitui como cidadão, pois na medida em que tem acesso aos saberes, pode conhecer seus direitos na sociedade como também, as maneiras de usufruir de forma ética desses direitos.

De acordo com Silva (2002, p. 36), cabe à escola garantir “[...] a revelação do conhecimento na sua singularidade, no exercício de sua função de instruir, de educar, de formar”. Com isso, podemos perceber a grande responsabilidade que a escola possui no que se refere à formação dos sujeitos sociais. No entanto, como cumprir esse papel se as condições sob a qual a educação se respalda se encontram tão precárias? Para que todo o processo da educação ocorra de maneira satisfatória, visando cumprir com seu papel é necessário subsídios tanto no que se refere à sua estrutura física, quanto ao ensino.

E foi por meio dos estágios, que pude observar alguns avanços na educação como a chegada de equipamentos tecnológicos e materiais didáticos que auxiliam o professor em sala de aula. Contudo, é importante destacar que não basta ter na escola esse tipo de recurso, a utilização deles de maneira educativa é fundamental no processo de ensino aprendizagem. Por outro lado, pude observar também a falta de motivação de muitos dos professores que estão em sala de aula, isso ocorre por vários motivos, e um que nos chama atenção refere-se a crise de identidade vivida pelo professor. E sob tal realidade, autores como Facci (2004) já ressaltam

[...] a crise de identidade vivida pelo professor está relacionada com o *status* que a profissão ocupa no nível social. Os professores recebem baixos salários, seu trabalho nem sempre é valorizado pela sociedade e está havendo uma precariedade em sua formação profissional (FACCI, 2004, p.28).

Aqui a autora chama atenção para algo muito importante que se refere ao pequeno investimento que é dado à educação e, ainda acrescenta que essa desvalorização não acontece apenas no contexto financeiro, mas também na maneira como foram elaboradas as políticas públicas da educação que demonstra a falta de investimento nessa área.

Nessa análise, Saviani apud Facci (1998, p. 5), aponta para a necessidade de definir a educação como prioridade social e política como também, o investimento na construção e consolidação de um amplo sistema de educação.

Nesta crise de identidade que o professor vive atualmente também está presente o que o autor Esteve (1995) apud Facci (1998) chama de mal-estar docente que segundo ele pode ocasionar vários fatores, tais como

[...] desmotivação pessoal e, muitas vezes, abandono da própria profissão; insatisfação profissional, percebida por meio do pouco investimento e indisposição na busca de aperfeiçoamento; esgotamento e estresse, como consequência do acúmulo de tensões; depressão, ausência de uma reflexão crítica sobre a ação profissional e outras reações que permeiam a prática educativa e que acabam, em vários momentos, provocando um sentimento de autodepressão (ESTEVE, 1995 p.12).

Sendo assim, é esta análise que faço da atual condição de muitos dos professores que estão em sala de aula e é aí que me questiono: Como promover uma educação com professores tão desmotivados? Esse problema é algo muito sério que afeta diretamente as crianças, uma vez que, não é possível motiva-las a aprenderem se o próprio professor não encontra sentido na sua prática.

A reflexão que faço sobre a realidade da escola que temos nos dias atuais, mediante as observações realizadas no campo de estágio correlacionando com as discussões teóricas acima assinaladas, é que trata-se de uma escola que busca incessantemente por melhorias, seja por uma estrutura física adequada, seja por uma remuneração apropriada ao desempenho de sua função. Outro fator que faz-se necessário é a segurança nas instituições de ensino, uma vez que, a violência vivida nos últimos anos tem se tornado uma constante nos diversos espaços sociais.

É bem verdade que alguns avanços vêm sendo conquistados, mas ainda falta muito a ser resolvido e para isso, não basta “reclamar” do que não está dando certo e sim buscar caminhos para que haja um melhoramento.

Com relação ao ensino que temos nas escolas, pelo que podemos observar a partir dos estágios, é que está sendo desenvolvido de maneira efetiva, mas que necessita urgentemente de motivação tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos, pois, como podemos oferecer, uma educação de qualidade em situações precárias, onde se tem equipamentos mas não podem ser utilizados, tem materiais mas estão guardados em um armário para que as crianças não os “estraguem”, ou até mesmo tenha em mãos esses aparatos mas que não são utilizados porque professores não estão tendo tempo de elaborar planos de aula dinâmicos e executá-los pelo fato de trabalharem dois ou três expedientes e por isso procuram os caminhos mais “fáceis” para eles, como por exemplo a utilização apenas do livro didático.

A escola que temos é uma escola que luta contra as dificuldades e se esforça para oferecer uma educação de qualidade para as crianças. Muitos são os obstáculos encontrados ao longo da caminhada mais o que nos motiva é a perseverança e o compromisso que alguns professores, gestores e equipes pedagógicas ainda têm em nunca desistir da educação em nosso País, e é neste sentido que buscaremos torna-la cada vez melhor, trazendo métodos de ensino que aproximem essas crianças da sala de aula e cada vez mais persistindo em mudanças e melhorias para as instituições de ensino.

Acreditamos que se cada um fizesse sua parte teríamos outra realidade no cenário brasileiro da educação, mas até que isso se torne algo concreto é preciso que continuemos em busca de nossos direitos, cumprido também nossos deveres, uma vez que, se escolhermos ser educadores devemos honrar com a nossa profissão e desempenhá-la da melhor forma possível.

Mais que conhecer a realidade escolar é importante compreender como se organizam e se articulam os papéis de cada profissional no interior das instituições de ensino. Para tanto, me deterei na seguinte seção a discutir as relações estabelecidas entre a docência e gestão escolar no processo organização e articulação das atividades internas do espaço escolar.

4.2. DOCÊNCIA E GESTÃO ESCOLAR: UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA

Ao longo do curso pude compreender que existem diferentes formas de conceber a atuação do gestor no espaço escolar. Desse modo, Libâneo (2008) destaca algumas concepções de gestão escolar embasadas por duas grandes vertentes teóricas, definidas como científico-racional e sociocrítica. No que se refere a científico-racional, defende uma visão mais burocrática e tecnicista da escola, enquanto que a sociocrítica baseia-se na organização escolar por meio de decisões coletivas, possibilitando aos membros do grupo a discussão pública de projetos e ações e o exercício de práticas colaborativas.

Tendo em vista estas duas vertentes, mostrarei a seguir quatro concepções de gestão que norteiam as relações estabelecidas entre gestão e equipe escolar destacadas por Libâneo (2008):

Técnico-científica: baseia-se na hierarquia de cargos e de funções, nas regras e procedimentos administrativos, visando à racionalização do trabalho e a eficiência dos serviços escolares.

Autogestionária: baseia-se na responsabilidade coletiva, defendendo a participação direta e por igual de todos os membros da instituição escolar, assim como, a ausência de uma direção centralizada, exercício de autoridade e de poder, normas e controles.

Interpretativa: considera como elemento prioritário na análise dos processos de organização e gestão os significados subjetivos, as intenções e a interação entre as pessoas. Recusa a possibilidade de se ter um conhecimento mais preciso dos modos de funcionar uma organização e, em consequência, de se ter certas normas, estratégias e procedimentos organizativos.

Democrático-participativo: baseia-se na relação orgânica entre a direção e a participação dos membros da equipe. Atribui maior ênfase a tomada de decisões de forma coletiva, ressaltando que cada membro da equipe deve assumir sua parte no trabalho (LIBÂNEO, 2008, p.121).

Paro (1998) e Mendonça (2001), discutem sobre a gestão da escola pública/ensino público, apontam para a necessidade de conceber esta como uma prática que permita aos sujeitos envolvidos maior autonomia e descentralização do poder e tomadas de decisões. Para tanto, Paro (1998) destaca que, mesmo concebendo o termo gestão como ‘conceito de administração’ é preciso ignorar essa ideologia de gestão

escolar sob uma perspectiva racional ou de recursos para fins determinados no âmbito educacional, ressaltando que:

[...] no ensino público essa evidência é permanente ignorada, que no que tange à insistente sonegação de recursos e materiais e financeiros em quantidades minimamente necessárias para fazer frente as atividades inerentes à escola, quer no que se refere à utilização de processos “administrativos” que negam frontalmente o objetivo de relação não-dominadora intrínseca a qualquer empreendimento verdadeiramente educativo (PARO, 1998, p. 108).

Mesmo existindo diferentes características e modelos de gestão escolar no âmbito das discussões teóricas, um dos grandes desafios nos dias de hoje é a implementação da participação da comunidade escolar no seu processo de organização e de funcionamento.

A gestão participativa é um dos fatores que caracterizam uma gestão democrática, esse tema vem sendo bastante discutido entre os autores e pesquisadores. Dessa forma, para que uma gestão ocorra democraticamente, é necessário haver a interação entre diretores, professores, alunos, pais de alunos e funcionários. Paro (1998), Oloveira e Adrião (2007), abordam esse tema, focalizando sua importância para a construção de uma gestão participativa.

É bem verdade que para termos uma democracia é necessário que sejam levados em consideração os posicionamentos da cada cidadão, seja por meio de representantes ou não, na escola não poderia ser diferente, os professores devem ter voz ativa nas decisões da escola, bem como na implantação delas, isso também nos leva a refletir sobre a influência dessa participação no próprio processo educacional.

Nessa perspectiva, os autores Oliveira e Adrião (2007 p. 66) afirmam que: “formar cidadãos para a sociedade participativa e igualitária pressuporia vivências democráticas no cotidiano escolar, traduzidas na presença de mecanismos participativos de gestão na própria escola e nos sistemas de ensino”. Portanto, para a formação de cidadãos é necessário antes de tudo dar exemplos de cidadania aos educandos, tendo como ponto de partida a gestão da própria escola em que os mesmos estão inseridos.

Neste sentido, temos a grande importância da articulação entre a gestão e a docência, é preciso que o professor tenha em mente a concepção de que também é responsável pela gestão da escola e sabendo que atuando nela, estará propiciando que as crianças tenham na figura dele um exemplo de cidadania.

A qualidade do trabalho da escola dependerá da capacidade da articulação do gestor, do seu posicionamento crítico e político, na busca por garantir as melhores condições de funcionamento da escola, pensando coletivamente na organização dos espaços e ambientes, no material didático, na merenda escolar, buscando recursos para a escola e tendo a clareza sobre como melhor aplicá-los, visando à formação e o bem-estar dos professores, dos alunos e de toda a comunidade escolar.

Quanto à dimensão pedagógica, cabe ao gestor coordenar projetos, programas e planos de trabalho na área, atentando para a organização do trabalho pedagógico, incluindo organização da matrícula e dos registros escolares.

Embora haja um discurso bastante convincente de que o trabalho de organização e articulação das atividades desenvolvidas no âmbito escolar se efetivem de forma democrática e participativa, dando espaço para autonomia e responsabilização comum das consequências e resultados do trabalho desenvolvido, ainda prevalece bastante marcado a presença de gestões escolares centralizada nas decisões individuais e que assumem a responsabilidade das consequências ora como mérito, ora como fracasso seu, como se a instituição não fosse da comunidade escolar e sim patrimônio próprio.

A experiência vivenciada ao longo das disciplinas Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II e Estágio Supervisionado III, foram de grande importância para mim, pois se constitui em um momento de reflexão e aprendizado enquanto profissional comprometido com a educação. Este me fez compreender que as atribuições da gestão não devem ser delegadas apenas a um sujeito responsável, mas a uma comunidade composta por professores, gestor, alunos e pais, visando sempre à colaboração e melhoria da qualidade do ensino e aprendizado.

Reflexões, estudos e experiências destacadas ao longo dos estágios me levaram a constatar que a concepção do gestor reflete diretamente no processo de ensino e aprendizagem adotado na escola, bem como determina as relações interpessoais existentes na comunidade escolar, uma vez que o gestor ocupa um lugar estratégico para o funcionamento da escola. Durante os estágios percebi o quanto é importante a interação e o diálogo entre professor, gestor, alunos, funcionários e pais, assim como também, a ausência destes dois aspectos interfere nas relações interpessoais dos sujeitos.

A experiência com os estágios me fez perceber que o diretor deve estar aberto a sugestões, tomadas de decisões que não se limitem a si próprio, a ouvir e sugerir de forma igualitária em prol da melhoria. Além disso, o embasamento teórico também me

permitiu perceber que ainda há um longo caminho a ser percorrido no tocante a efetivação da gestão numa perspectiva democrática e participativa, pois apesar dos avanços já alcançados acerca da descentralização no campo da gestão escolar, sobretudo teórico, na prática as relações de hierarquias ainda se fazem presente no contexto escolar, deixando a desejar no tocante a participação e colaboração dos atores constituintes da instituição educativa.

No que se refere à experiência do estágio em gestão escolar foi de fundamental importância para minha formação docente, primeiro, por ter sido a oportunidade de experienciar e observar, de maneira atenta, os diferentes aspectos do cotidiano escolar, para assim, tentar compreender sua condição de funcionamento, sua cultura, estrutura física e, sobre como aconteciam às relações interpessoais.

Constituiu-se também, num momento propício para lançar um olhar observador e curioso sob as crianças, sob as condições de trabalho do gestor, dos professores e os demais profissionais da instituição. Ainda foi possível observar, mesmo que de maneira superficial, as formas de articulação da gestora com os setores político, pedagógico, administrativo e financeiro. Sendo assim, considero que o período do estágio em gestão escolar foi um tempo de muitas aprendizagens e apreensão da realidade.

No que se refere a gestão observada no segundo estágio em educação infantil, foi possível notar o empenho da gestora em buscar melhorias para a instituição de ensino. Tive a oportunidade de questioná-la sobre a participação da comunidade escolar na sua gestão, segundo a mesma, ocorre de forma articulada as tomadas de decisões como também os assuntos pedagógicos. No entanto, sabemos que para uma gestão ser considerada democrática deve haver outros fatores além da participação que a constitui, mas a participação já é um grande avanço nas gestões escolares.

No estágio nos anos iniciais do ensino fundamental, podemos observar também como se dava a gestão da instituição, o que pude perceber também era o sentimento de luta contra as mazela que a escola possuía, foi possível notar muitos problemas que não diziam respeito apenas da gestão, mas também do Estado. Com relação a participação da comunidade escolar, foi possível perceber que não ocorria de forma satisfatória, uma vez que a frequência de pais na instituição era pouquíssima.

Pelo que pude observar nos três estágios, as gestões já apresentam algumas características de gestão baseada nos princípios democráticos, no entanto, isso não significa afirmar que sejam democráticas, pois, assim como existem essas

características, também continua presente práticas de uma gestão baseada na centralização de poder e lucro próprio – gerencialismo.

Hoje, acredito estar consciente dos muitos problemas presentes na educação, no entanto, estou disposta a enfrentá-los e deixar minhas contribuições para a melhoria da escola que temos. Tenho a clareza de que a realidade escolar requer, sobretudo, posicionamento político, vontade de luta por melhores condições de trabalho e valorização profissional, para assim, ser capaz de contribuir efetivamente para a formação do sujeito aprendiz.

4.3 A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

As experiências vivenciadas no estágio em educação infantil constituiu-se em um momento de reflexão e prática constante. Este foi desenvolvido em uma turma de Pré-escolar II, com base nos estudos e pesquisas desenvolvidos na disciplina Pesquisa Educacional II, tendo como objetivo permitir, mediante a articulação de teoria e prática fundamentada na pesquisa científica, a vivência e a análise da prática pedagógica na educação infantil.

Tentei conciliar, no decorrer das atividades de estágio em educação infantil, atividades de pesquisa e de intervenção, atentando para a perspectiva do estágio correlacionando teoria e prática como pressuposto para realização dos objetivos propostos. De acordo com meu ponto de vista, o objetivo do estágio consiste em proporcionar a compreensão de como se consolida na prática a dinâmica do espaço educacional, por meio de uma observação atenta do cotidiano educacional e da atuação do estagiário numa situação real de ensino.

Pimenta e Lucena (2009), ao discutirem sobre o estágio educacional, afirmam que o exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer algo ou desenvolver uma determinada ação, dessa mesma forma ocorre com o professor em formação.

Nesse sentido, o estágio supervisionado é de extrema importância para formar o professor de maneira que ele compreenda a sua responsabilidade social e as demandas no exercício da sua profissão. Ser professor nos dias atuais é buscar sempre o novo e atender as demandas das transformações sociais, seja no campo das diferentes relações humanas, no setor tecnológico e na nova concepção de aluno. A formação do professor não acontece num piscar de olhos, é necessário esforço pessoal e compromisso ético e político, pois

[...] como toda profissão, o magistério é um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais onde se manifestam os interesses das classes sociais. O compromisso ético-político é uma tomada de posição frente aos interesses sociais em jogo na sociedade (LIBÂNEO, 1994, p. 47).

Diante dessa afirmação, podemos ver a importância do compromisso que o professor deve ter em sua profissão. Mas além desse compromisso, a nossa prática exige planejamento e sobre a importância deste, destaco as contribuições de Spodek e Saracho (1998), ao afirmarem que cabe ao professor planejar sua prática de ensino antes da efetivação em sala de aula. Isto permite a reflexão sobre as atividades a serem desenvolvidas no decorrer do ano letivo.

O estágio na educação infantil me proporcionou observar, planejar e executar situações de ensino bastante significativas para minha formação inicial. Estas foram pensadas como práticas de ensino sistematizadas de acordo com a proposta pedagógica da instituição, que era *Trabalhando os 150 anos de Campina Grande*, tendo como tema específico da turma de Pré-escolar II *O bairro*.

Visando adequar nossa intervenção ao projeto da escola, pensamos situações de ensino que abordassem atividades práticas e concretas em sala de aula, por meio do trabalho com a literatura infantil, leitura de poemas e músicas cantadas, assim como conversações orais com as crianças e construção coletiva de cartaz que possibilitassem nas crianças do Pré-escolar II a construção do conceito de bairro.

Todas as atividades desenvolvidas nesse percurso de intervenção teve a preocupação de respeitar a rotina preestabelecida pela instituição e pelas professoras de turma, visando manter o mesmo ritmo dos dias anteriores.

No que se refere ao estágio nas séries iniciais do ensino fundamental, realizou-se também a partir das observações e planejamento das atividades para o 4º ano do ensino

fundamental. Estas foram planejadas segundo a temática bimestral que se baseavam no período natalino.

O objetivo das atividades planejadas durante a prática de intervenção era promover situações de ensino mais prazerosa e significativa, trazendo para a sala de aula atividades dinâmicas, como construção da árvore de natal coletiva, produções textuais em cartões natalinos, ensino das quatro operações matemáticas com materiais didáticos e concretos que foi disponibilizado pelo LAMADEM e ensino de história, geografia, ciências, artes e recreação.

Algumas dificuldades foram vivenciadas no decorrer deste estágio, como a acessibilidade à instituição e violência do bairro, causando muitas vezes receio de planejar situações de ensino mais tecnológicos, contudo, o desejo em desenvolver atividades mais prazerosas não me permitiu desistir.

Por meio dos estágios pude perceber que é necessário que o professor seja um mediador e possibilitador da construção do conhecimento para seu educando, um mestre que vai além dos conteúdos e cronogramas da escola, este precisa fazer a diferença na vida do aprendiz, despertando nele o desejo por aprender, aproximando-se do seu universo infantil para compreendê-lo e posteriormente ajudá-lo.

De acordo com Silva (2002), é função social da escola formar um educando crítico, pensante, atuante na sociedade, então dela deve partir este comportamento para com o educando, é urgente que a ele sejam dadas as condições a esse aprendiz para que, por meio da mediação professor-aluno e seu objeto de estudo, o conhecimento seja efetivado.

Para que o professor desenvolva bem o seu papel atendendo as demandas atuais da sociedade, é necessário que ele desempenhe diferentes habilidades para envolver os seus alunos nesse processo de ensino e aprendizagem. Ele precisa, conforme aponta Cysneiros (2004), organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho, trabalhar em equipe, participar dos processos administrativos da escola, informar e envolver os pais, agir com ética no exercício da profissão e administrar a própria formação contínua.

Refletindo sobre a prática educativa realizada durante os estágios supervisionados na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, é possível tecer algumas considerações quanto à importância de uma atuação bem

planejada e sistematizada, que permita a participação de todos no processo de aprendizagem.

Para tanto, o período de observação no campo dos estágios foi fundamental, pois me permitiu uma maior aproximação com os alunos e com a professora, levando a identificar as particularidades de cada educando, percebendo quais as dificuldades a serem consideradas durante o planejamento de nossa proposta de atuação. Além disso, a atuação nos estágios nos levou a refletir o agir do professor que está à frente, na mediação e trocas dos conhecimentos.

Com relação ao estágio em educação infantil, refletindo sobre as atividades, a rotina, os momentos de observação, posso dizer que o estágio foi um momento de perceber a educação infantil como espaço de afetividade e convívio constante, no qual a criança esta inserida todos os dias, estabelecendo laços de carinho, apego e respeito que devem ser explorados continuamente.

Foi possível perceber durante as atividades desenvolvidas no estágio o quanto a brincadeira motiva e desperta no educando a atenção e o gosto em participar das atividades propostas no decorrer da intervenção pedagógica, considerando esse como um critério qualitativo da oferta de uma educação que propicie o pleno desenvolvimento do sujeito e permita que o mesmo construa seu conhecimento.

O estágio em educação infantil representou o momento de reflexão acerca do que de fato é valioso neste processo de desenvolvimento do educando, isto é, o aprender de forma prazerosa e divertida, sobretudo onde o que prevalece é o ser criança.

Considero também que o estágio no ensino fundamental, consistiu-se num momento de grande aprendizado, tanto em relação à atuação com os alunos como em relação ao desempenho das atividades. Foi um momento de avaliação, não só do educando, mas principalmente da minha formação docente, enquanto futura educadora, compreendendo desde a participação à pouca atenção durante as atividades que nem tudo que se planeja atinge os objetivos que buscamos, mas dependendo da atividade é possível alcançar objetivos bem mais satisfatórios do que possamos imaginar.

O importante é conhecer de fato o que motiva a criança, o que a leva a participar das atividades por livre e espontânea vontade e, o que pouca, ou nenhuma motivação causa a criança. É importante ressaltar que a metodologia adotada pode ser decisiva no processo de aceitação ou não da atividade como algo significativo. Cabe ao educador atentar para o “como” fazer, visando despertar no educando o interesse pela atividade,

instigando, questionando, usando de suspense. Essas são estratégias fundamentais na busca pela motivação do aprendiz.

Acredito que o aprendizado é um processo contínuo que não se dá por meio de uma simples intervenção, em dias fragmentados, mas que pode sim, ser ampliado a cada dia, tendo a consciência de que adaptações são necessárias constantemente e que perseverar e insistir são fundamentais no processo de intervenção, junto ao educando criança.

O maior aprendizado durante o estágio em educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental por mim e pelos meus colegas vivenciados, é compreender que nem tudo tenha saído como planejamos, há sempre um aprendizado a ser refletido e considerado por parte do educador e assim prosseguir de forma constante no processo de formação continua construída por meio da prática e reflexão.

Diante disso, podemos dizer que o processo de intervenção nos dois estágios foi muito gratificante, pois me fez refletir sobre a prática educacional executada na escola e a importância de considerar o educando, acreditando sempre na sua capacidade de aprender e se desenvolver, independentemente das suas dificuldades.

Tendo em vista, as discussões feitas sobre a importância dos estágios, bem como a realidade da educação que temos nos dias atuais, passo a partir de agora a fazer algumas reflexões sobre a escola que idealizo, pois na posição de futura educadora me sinto no dever de pensar de maneira crítica sobre a realidade atual da educação que precisa ser melhorada e reafirmar meu compromisso com o ensino, fazendo deste o melhor para as crianças. Sendo assim, o próximo tópico tratará de questões relevantes que penso para o ensino, bem como trarei algumas características que considero indispensáveis para o desempenho de minha função em sala de aula.

5. A ESCOLA QUE QUEREMOS

Após toda discussão realizada ao longo deste TCC, gostaria de fazer uma reflexão sobre a escola que queremos, com a finalidade de mostrar minhas concepções acerca da escola que almejo, para assim, exercer minha função na educação brasileira e poder contribuir para uma educação de qualidade.

Para muitas pessoas que desconhecem a atual situação da educação no Brasil, podem até pensar que está sendo desenvolvida de forma satisfatória, mas a verdade é que a educação de qualidade ainda é algo utópico. Temos alguns avanços, no entanto, ainda há um longo caminho a se percorrer e enquanto não houver um bom investimento nessa área, seja pelo Poder Público seja pelos educadores, não teremos mudanças.

A escola que almejamos não é aquela que limita as crianças aos conteúdos do livro didático, não é aquela que ignora os conhecimentos trazidos pelos alunos, também não é a que pensa o aluno como uma *tábua rasa*, mas, sobretudo não é aquela que promove as desigualdades sociais e que não reconhece o trabalho do professor.

O reconhecimento do papel do professor também é outra questão que merece nossa atenção, pois é ele o responsável por ensinar, oferecer condições para que o aluno aprenda. Paro (2010, p. 84), traz algumas reflexões acerca da valorização do professor, para ele: “temos que lutar para o professor ganhar mais. Temos que lutar por melhores condições de trabalho dentro da escola. Porque, afinal, é na escola que se dá a atividade-fim para a qual trabalhamos.” Portanto, é preciso que continuemos lutando por melhores condições de trabalho para que possamos desempenhar melhor nossa função, pois, como trabalhar em um ambiente que não nos propicia nem segurança nem recursos mínimos para a realização do ensino.

A escola que queremos é aquela que acredita na criança e que dá oportunidades para que ela construa seu conhecimento, é a que faz o ser humano refletir sobre suas práticas e sobre a sociedade. Essa escola que desejamos, é construída de forma acessível e segura, é um espaço onde crianças aprendem e nos ensinam a cada dia, é onde há a cooperação entre gestores, educadores, alunos pais de alunos, funcionários e comunidade.

É necessário garantir aos pais e toda a comunidade escolar a participação efetiva nos assuntos e decisões escolares, para que, todos juntos possam buscar dias melhores para a Escola pública, que parece ser pública e gratuita, entretanto, é mantida, também, por seus usuários que pagam impostos ao Estado e merecem que esta ofereça condições necessárias de ensino e aprendizagem.

A escola deve ser entendida como um meio de emancipação do sujeito e não reprodutora de ideologias dominantes e de conteúdos descontextualizados. Nesse sentido, no que se refere à escola, Paro (1998 p. 111) afirma que é necessário “compreendê-la como um instrumento de transformação”. Sendo assim, é por meio da educação que podemos superar a alienação e promover um senso crítico para que os

cidadãos possam ir em busca de seus direitos. A escola deve ser um espaço que produza relações e que por sua vez, ensine a convivência democrática, proporcionando a socialização dos saberes.

É importante pensar numa escola onde haja equipes técnicas completas como: assistentes pedagógicos, orientador educacional, assistente social, e psicólogo escolar, todos a disposição das instituições de ensino. Pois cada técnico é responsável por desempenhar uma função e contribuir para uma boa educação.

A Gestão participativa, baseada nos princípios democráticos, também é outro fator que integra a escola que queremos. Esta, caracterizada pela participação e pelos objetivos comuns entre todos que compõe a comunidade escolar.

De acordo com Libâneo (2004, p. 123), a gestão democrática: “defende uma forma coletiva de tomadas de decisões sem, todavia, desobrigar as pessoas da responsabilidade individual”. Portanto, como podemos observar, este tipo de gestão que idealizo não é responsabilidade apenas do gestor da escola, mas de todos, desde professores à alunos, pais de alunos, funcionários e equipe técnica, cada um tem seu papel importante para a construção de uma gestão de qualidade que atenda as necessidades de seus usuários.

Ao falar de uma gestão democrática, podemos refletir também sobre o que ela engloba. As autoras Ferreira e Aguiar (2000), destacam alguns indicadores sobre o tipo de gestão que queremos, quais sejam: a autonomia escolar, a descentralização do poder, a representatividade social, a escolha dos dirigentes escolares por eleições e a inclusão de todos os segmentos da comunidade escolar.

Com relação a autonomia, as autoras se referem ao direito das escolas construírem suas alternativas e incluí-las no seu Projeto Político Pedagógico, e ao mesmo tempo cobrar a obrigatoriedade do Estado na manutenção da educação. No que diz respeito a descentralização do poder, é preciso que haja uma divisão de tarefas nas instituições de ensino, onde cada um cumpra seu papel e assim venha a romper com a hierarquização nas escolas. As representações nos conselhos e colegiados também é algo que merece nossa atenção, pois, é por meio dessas representações e a intervenção delas, na formulação das políticas públicas, que nos permite não aceitar tudo o que nos é proposto.

O controle social da gestão é outro fator interessante, tendo em vista que as políticas e programas devem ser divulgados e avaliados pela sociedade, no intuito de

definir se são pertinentes ou não. Uma das características dentre muitas, que demarcam uma gestão democrática é a forma em que a escolha dos dirigentes acontece, sendo o por meio de eleições o mecanismo mais democrático. É necessário frisar que apenas as eleições para o cargo de diretor não garante a democracia, mas sem elas não há um processo democrático de escolha.

Feitas essas reflexões sobre a gestão que almejo com base nas autoras Ferreira e Aguiar (2000), posso dizer que se esses aspectos se fizessem presentes nas gestões das escolas, acredito que teríamos um grande avanço na educação brasileira, mas não basta apenas que as mudanças aconteçam somente nas instituições, mas também nos educadores, pois são eles que lidam diretamente com as crianças e com a construção de seus conhecimentos.

Nesse sentido, a educadora que pretendo ser também faz parte dessa escola almejada, educadora caracterizada pelo compromisso com a educação, cumprindo o papel de agente mediador entre os conhecimentos que a criança possui e aqueles que se pretende que ela adquira.

A interação entre professor e aluno também é algo que pretendo honrar, uma vez que é por meio da interação que conhecimentos são construídos, como também relações de afeto e confiança. O mediador a qual me retrato é aquele capaz de voltar a atenção para os alunos com o intuito de ampliar o potencial de cada um.

Despertar a motivação da criança para a aprendizagem também é dever do professor, para tanto é necessário que ele busque cada vez mais se atualizar dos meios didáticos que lhe são oferecidos. Para tornar o ensino mais atraente para a criança é preciso que o educador elabore situações inovadoras e instigantes, pois só assim poderá atrair sua atenção (TÉBAR, 2011, p.120).

Para que o ensino tenha sentido para a criança o professor precisa relacionar as novas aprendizagens com a vida e as experiências de cada uma, ou seja, levar em conta o contexto social que elas vivem, bem como os conhecimentos de mundo que já têm. Sobre essa afirmação o autor Marchesi (2004, p.72) aponta que: “conseguir que a aprendizagem salte o muro das escolas e chegue à realidade dos alunos seria um passo importante para reduzir seu distanciamento das aprendizagens apresentadas na escola”, portanto, é de grande importância essa aproximação entre o que a criança já sabe e o que se pretende que ela aprenda.

A promoção da participação das crianças também é algo que precisa ser considerado em sala de aula, pois, como formar cidadãos críticos e autônomos se a essas

crianças não é dado o direito de fala. O professor deve sempre ouvir o que seu aluno tem a dizer, uma vez fazendo isso, estará contribuindo para um ensino muito mais significativo. Para Marchesi (2004), é preciso que o aluno se sinta autor, ou seja, protagonista no processo de aprendizagem.

Em fim, a escola que queremos para atuar futuramente é a que destaquei ao longo desse tópico, acredito que a mudança é possível, mas isso só ocorrerá se cada um fizer sua parte. É preciso lutar para conseguir essa escola almejada o caminho a ser percorrido é longo, mas enquanto haja vida que dure esse sentimento de mudança.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, a construção deste TCC me fez refletir sobre aspectos que foram relevantes para minha formação acadêmica, tais como: a trajetória estudantil, que proporcionou minha chegada à UFCG; a trajetória acadêmica, na qual, tive a oportunidade de viver experiências que me constituíram como futura pedagoga, capaz de refletir sobre minhas práticas e sobre a sociedade.

Ao rememorar minha trajetória escolar, pude compreender e refletir sobre muitas práticas de ensino que vivenciei, estas, fruto de uma educação baseada em uma concepção de ensino tradicionalista que de alguma maneira me marcou. Dentre essas marcas está o medo de expressar meu pensamento sobre aquilo que vejo e o que leio, essa foi uma das marcas mais negativas que carreguei durante o período do ensino fundamental.

Também houveram marcas positivas, como o carinho, afeto e motivação por parte de alguns professores, mesmo com um método não tão prazeroso de ensino, pude construir muitas aprendizagens que me fizeram chegar até o ensino superior. Com isso, aprendi que mesmo em meio as dificuldades de aprendizagens nós, alunos, devemos sempre ir em busca de novas aprendizagens, nunca ter o sentimento de que já aprendeu tudo, pois a formação é fruto de buscas constantes por novos conhecimentos.

As experiências que vivenciei durante os estágios supervisionados na graduação em Pedagogia, me possibilitou relacionar muitas das teorias vistas no curso. Pude enxergar a grande contribuição deixada por grandes teóricos, estes que me ajudaram a proporcionar às crianças do estágio uma aprendizagem mais motivadora e prazerosa.

As teorias vistas no curso relacionadas com a prática dos estágios resultaram numa reflexão sobre as escolas que temos. O olhar atento a tudo que pude observar nas instituições de ensino me fez enxergar avanços, mas também muitos problemas que repercutem efetivamente no processo de ensino. Pelo que pude presenciar, instituições que dizem ter uma gestão baseada nos princípios democráticos, na verdade assumem práticas que mais caracterizam uma gestão gerencialista.

Os estágios também contribuíram para uma reflexão da escola que desejo. O olhar crítico, me fez idealizar uma escola que acima de tudo respeite a criança, fazendo

dela um ser que é capaz de aprender e se expressar e não a que pensa na criança como sendo o simples objeto de trabalho. A escola que almejo possui segurança, espírito de luta por melhores condições tanto na dimensão estrutural quanto na própria valorização do trabalho do professor. Essa escola deve se basear nas concepções democráticas, descentralizando poderes e dando ênfase ao diálogo.

Por fim, acredito que essa escola pode sim ser vista na realidade, mas para isso, deve haver esforços tanto das autoridades, responsáveis pelo seu financiamento e dos que elaboram as políticas educacionais, como também de cada professor. As mudanças no cenário da educação devem acontecer, mas para isso nós também temos que dar nossa contribuição e um dos primeiros já foi dado, a mudança de um pensamento alienado pelas ideologias que a sociedade impõe. Hoje, posso refletir sobre a sociedade e conseqüentemente meus alunos também refletirão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ATKINSON, Rita L. **Introdução à psicologia**. In: Hilgard/ Atkinson, Richard C. Atkinson, Edward E. Smith, Daryl j. Bem, Susan Nolen-Hoeksema e Carolyn D. Smith; trad. Daniel Bueno. (Orgs). 13 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

_____. **Constituição Federal** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio**. Ciências da Natureza, Matemática e Suas Tecnologias. Brasília/DF: MEC, 1996.

CYSNEIROS, P. G. **Competências para ensinar com novas tecnologias**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 12, p. 23-33, maio/ago. 2004.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Angela da S. **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Vozes, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. O sistema de organização e gestão da escola. In: _____. **Organização e gestão da escola**. 5ª ed. Goiânia: MF Livros, 2008, p.117-133.

MARCHESI, Álvaro. Alunos desmotivados. In: _____. **O que será de nós, os maus alunos?** São Paulo: Alianza, 2004, p.59-79.

MENDONÇA, E. F. Estado patrimonial e gestão democrática do ensino público no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, ano 22, 2001, p. 84-108.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Dallila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. In: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127 – 1144, set./dez. 2004. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em jan/2015.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. A mediação simbólica. In: _____. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995, p.81-95.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Thereza. **Gestão, financiamento e direito à educação**: análise da Constituição Federal e da LDB.3ª ed. São Paulo: Xamã. 2007.

_____; _____. **Organização do ensino no Brasil**: Níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. 2ª ed. São Paulo: Xamã. 2007.

PARO, Victor. Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. A escola pública que queremos. In: _____. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 81-97.

PICONEZ, Stela B(coord) et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido; LUCENA LIMA, Maria Socorro. **Estágio e Docência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROMEIRO, Gabriel de La Roque; FESTI, Regina; FERRAZ, Ricardo. **Introdução a Sociologia**. São Paulo: Harper e Ron do Brasil, 1981.

RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociedade, educação e vida moral. In: _____. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 19-81.

SILVA, Silvana Pimentel. A função social da escola. In: ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de, LIMA, Mª Socorro Lucena e SILVA, Silvana Pimentel (Orgs.). **Dialogando com a escola**. Fortaleza: ed. UECE, Edições Democrito Rocha, 2002, p. 34-44.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador**: pedagogia da mediação. São Paulo: SENAC, 2011.